

## **Agostinho frente os mitos de suicídio**

*Lúcio Vaz de Oliveira*  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Brasil

Minha proposta parte da interpretação de que a cultura hebraica antiga e a cristã aparentam ser mais propensas a crer numa intervenção divina nos atos humanos (inclusive, no suicídio) do que a greco-romana. Em vista disso, pretendo mostrar que, em contraponto com alguns filósofos pagãos, as duas linhagens mitológicas –judaico-cristã e greco-romana– contendo narrativas de relações diversas do divino com a morte voluntária confluem na obra de Agostinho e que essa confluência é importante para entender a exceção concedida por ele à sua condenação moral contra o suicídio, concessão cuja liceidade estaria além da capacidade humana de compreensão. Agostinho explicitamente menciona Sansão como um desses casos excepcionais. O que Agostinho fez foi cortar toda especificação de liceidade do suicídio que não por comando divino e traçar uma linha não completamente clara de relação entre a comunicação divina e o ato suicida. Digo não completamente clara, pois ela está, para Agostinho, numa esfera além da razão humana. Minha proposta aqui visa se confrontar contra interpretações que aproximam a configuração desse suicídio excepcional dos relatos míticos judaico-cristãos de intervenção divina. Em contraste, Agostinho teria explorado uma possibilidade com moldes greco-romanos, especialmente, platônicos mais do que da tradição judaico-cristã, isto é, falando em uma comunicação e não em uma intervenção divina. Com isso, Agostinho não está isentando Sansão e outros da responsabilidade moral por seus atos, mas sim suspendendo o julgamento moral contra eles.